

CONTANDO HISTÓRIAS COM FANTOCHES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATANDO A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE PEDAGOGIA/UFRN

Autoras:

Claydianne dos Santos Freitas - Estudante do Curso de Pedagogia /UFRN

claydiannesantos2011@gmail.com

Deysi Jane do Nascimento Rocha - Estudante do Curso de Pedagogia /UFRN

deysi.nascimento@gmail.com

RESUMO

Contar histórias na Educação Infantil constitui-se como uma prática significativa no contexto da sala de aula, já que por meio desta prática a criança pode vivenciar momentos lúdicos de prazer, alegria e imaginação. Tendo em vista as implicações que envolvem a prática de contar histórias, o presente trabalho tem o objetivo de relatar a experiência da contação de histórias com fantoches em uma turma composta por crianças de 3 a 4 anos de idade de uma escola de Educação Infantil da rede pública de Natal/RN. Para a fundamentação teórica e desenvolvimento dessa prática foram realizados os seguintes procedimentos: uma pesquisa bibliográfica ancorada nos estudos de autores como Amarilha (2009), Bettelheim(1980), Kaercher (2001) e Zilberman (2003); observações da prática pedagógica desenvolvida pela escola, bem como a reflexão/ação sobre a nossa experiência de contar histórias com fantoches. Considerando o contexto da sala de aula encontrado, desenvolvemos práticas de contar de histórias com fantoches capazes de estimular a oralidade, a criatividade e o faz de conta. Esta prática proporcionou momentos de interação, nos quais as crianças falavam, demonstravam seus sentimentos, expressavam seus pensamentos e participavam do jogo simbólico. Portanto, concluímos que a contação de histórias com fantoches é uma atividade que contribui significativamente para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança.

Palavras-chave: Contação de histórias. Fantoches. Educação Infantil.

Por que contar histórias na Educação Infantil?

O presente trabalho foi impulsionado mediante a experiência oportunizada pela disciplina de Estágio Supervisionado de Formação de Professores I do curso de Pedagogia da UFRN, a qual nos possibilitou nossa inserção na sala de aula e o conhecimento das práticas educativas que permeavam um Centro Municipal de Educação Infantil da cidade de Natal/RN, bem como a vivência de momentos prazerosos de contar e ouvir histórias.

Contar histórias na Educação Infantil constitui-se como uma prática significativa no contexto da sala de aula, já que por meio desta prática a criança pode vivenciar momentos prazerosos. Tendo em vista esse entendimento, desenvolvemos no Centro Municipal de Educação Infantil Vilma Dutra, e mais precisamente na turma do nível II (crianças de 3 a 4 anos de idade), algumas atividades capazes de promover e estimular momentos de aprendizagens significativas. Dentre as atividades que realizamos a que mais despertou o interesse das crianças foi a contação de histórias com fantoches.

Diante disso, foi possível perceber na prática como a Literatura Infantil mexe com imaginário das crianças fazendo-as se transportarem temporariamente para o mundo da ficção (imaginário). É como se elas saíssem do mundo real e se transformassem nos personagens da história, o que consideramos de suma importância uma vez que ao vivenciar o jogo simbólico a criança avança no seu desenvolvimento cognitivo e social. Isto é, ela se torna capaz de abstrair com maior facilidade os símbolos linguísticos como também passa a ter maior sensibilidade em se colocar no lugar do outro.

Diante disso, o presente estudo se justifica pela importância da escola de Educação Infantil propiciar momentos significativos que possibilitem o encontro prazeroso das crianças com a Literatura Infantil. No entanto, torna-se importante salientar que a função da instituição de Educação Infantil não é ensinar os alunos a ler, mas sim promover momentos literários dotados de ludicidade, fruição, emoção, imaginação e descobertas. Dessa forma, por meio de tais momentos literários surge a possibilidade de abrir os caminhos para criar nas crianças o gosto pelas histórias ficcionais. Portanto, possibilitar momentos de ouvir histórias é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, capaz de fazer grandes descobertas e compreender o mundo e as relações sociais presentes nele.

Objetivos: o que pretendemos com este estudo?

Tendo em vista as implicações que giram em torno da temática da prática de contar histórias, o presente trabalho tem como principal objetivo relatar a experiência da contação de histórias com uso de fantoches realizada na turma do nível II da Educação Infantil de um CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) da cidade de Natal/RN. Mais especificamente, o estudo ora apresentado tem como objetivos específicos discutir sobre a significância do ato de contar histórias com fantoches para o desenvolvimento cognitivo e social do infante; bem como relacionar os conhecimentos teóricos aos adquiridos na prática, tomando tal relação como processo definidor da qualidade da formação inicial do professor/pedagogo.

Recursos e procedimentos metodológicos

Durante o percurso do nosso processo de formação como pedagogas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) tivemos conhecimento de diversas teorias referentes à prática educativa em ambientes escolares. Nossa atuação como estagiárias na sala de aula requereu estudos a respeito de teorias que pudessem nos auxiliar no norteamo do exercício da docência em sala de aula. Dentre os aportes teóricos estudados enfatizamos a relevância de alguns conhecimentos sobre as teorias da aprendizagem (Psicologia da Educação), bem como conhecimentos acerca da Educação Infantil, Didática e da Literatura Infantil.

Ainda para a concretização deste trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica ancorada nos estudos de autores como Amarilha (2009), Bettelheim (1980), Kaercher (2001) e Zilberman (2003), autores estes que discutem a respeito da temática da Literatura Infantil. Além do mais, realizamos observações da prática pedagógica desenvolvida pela escola; bem como a reflexão/ação sobre a nossa experiência de contar histórias com fantoches.

Tentamos assim, encontrar dentro da “caixa de ferramentas” das teorias, determinados saberes que poderiam nos auxiliar no desenvolvimento de nossas ações como estagiárias/docentes. Isso não significa dizer que usamos tudo de cada teoria, mas nos propomos a “pegar” alguns pontos que nos direcionassem. Deste modo, compreendemos que,

A articulação da relação teoria e prática é um processo definidor da qualidade da formação inicial e continuada do professor, como sujeito autônomo na construção de sua profissionalização docente, porque lhe permite uma permanente investigação e a busca de respostas aos fenômenos e às contradições (BARREIRO, GEBRAN, 2006, p. 22).

Neste viés, podemos dizer que a graduação está nos permitindo iniciar o processo de construção da nossa identidade profissional, uma vez que problematizando o objeto de estudo da Pedagogia, ou seja, a prática educativa, estamos construindo aos poucos nosso perfil como pedagogas. É importante salientar que esse processo de construção da identidade profissional se estende e adquire outras formas quando adentramos no âmbito escolar, pois tomando conhecimento da realidade do sistema educacional vamos problematizando sobre o nosso fazer e nos transformando enquanto profissionais.

Diferentemente das demais disciplinas existentes no Curso de Pedagogia da UFRN, a experiência do estágio supervisionado foi muito além muito além da teoria, pois nos possibilitou vivenciar a dinâmica de uma escola pública, bem como atividades iniciais à docência. Sendo assim, durante nossas intervenções na turma do nível II estivemos permeadas por reflexões sobre o nosso fazer docente, ou seja, sobre a nossa postura como professoras para desenvolver nossas ações de intervenções pedagógicas, de se relacionar com os alunos, bem como desenvolver formas criativas para lidar com os imprevistos que surgiam durante o percurso das aulas. Neste sentido, podemos dizer que,

O estágio curricular pode se constituir no lócus de reflexão e formação inicial da identidade **do pedagogo** ao propiciar embates no decorrer das ações vivenciadas pelos alunos, desenvolvidas numa perspectiva reflexiva e crítica, desde que efetivado com essa finalidade (BARREIRO, GEBRAN, 2006, p. 20, grifo nosso).

Deste modo, tentando elencar os saberes acadêmicos com as práticas escolares, destacamos os estudos sobre da Teoria Vygotskyana, uma vez que compreendemos a importância da interação no processo de ensino-aprendizado, pois através de trocas estabelecidas entre o sujeito com o meio, à criança vai construindo e organizando seu conhecimento. Neste sentido,

o conhecimento e o comportamento são resultados de processos de construção subjetiva nas trocas cotidianas com o meio circundante. A criança e o adulto constroem seus esquemas de pensamento e ação sobre os esquemas anteriormente elaborados e como consequência de suas interações com o mundo exterior. Dessa forma, os processos educativos preocupados em estimular e orientar o desenvolvimento podem ser concebidos como processos de comunicação que estimulam os intercâmbios do indivíduo com o meio físico e psicossocial que a rodeia (SACRISTÁN, 1998, p. 36).

Torna-se importante salientar que para que o conhecimento seja construído de maneira significativa pelo educando é necessário que o meio possa oferecer situações capazes de considerar o aluno como um ser pensante, autônomo e criativo. Deste modo, o professor deve

agir como um mediador do conhecimento, possibilitando assim ações que levem o aluno a agir ativamente em sala de aula e não se tornar um sujeito apto apenas a receber conhecimento. Considerando isso, Freire (2010, p. 47) nos faz refletir que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”. Ou seja, o aluno precisa ser visto como um sujeito capaz de construir seus conhecimentos através das condições oferecidas pelo meio escolar.

Realizar estudos acerca da Didática nos fez compreender que o processo de ensino é formado por objetivos, conteúdos, métodos e meios de organização que operam para a efetivação do fazer docente na sala de aula, bem como a construção de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades por parte dos educandos. Corroborando com Libâneo (1994, p.28) “a didática se caracteriza como mediação entre as bases teórico-científicas da educação escolar e a prática docente”. Percebemos então que a formação do pedagogo/professor nos cursos de nível superior através dos estudos das teorias das Ciências da Educação necessita estar atrelada com a formação prática na escola.

Além de tais estudos, destacamos em nossa prática educativa no estágio a importância da leitura de textos literários em sala de aula, pois conforme Amarilha (2009) a Literatura desenvolve na criança uma atitude positiva para com a aprendizagem, com a sala de aula, com a escola, pois o lúdico é estimulante, apaixonante, envolvente e mobilizador. Desta forma, cabe ao professor,

[...] oferecer textos escritos impressos de boa qualidade, por meio da leitura (quando os alunos ainda não leem com independência, isso se torna possível mediante leituras de textos realizadas pelo professor, o que precisa, também, ser uma prática continuada e frequente). São esses textos que podem se converter em referências de escrita para os alunos (BRASIL, 1997, p.49).

Deste modo, é relevante que a leitura de textos literários faça parte do cotidiano dos alunos, mesmo daqueles que ainda não sabem ler, pois é ouvindo, contando e lendo histórias que as crianças vão se inserindo aos poucos no mundo da leitura. É conhecendo histórias através da mediação docente, como também procurando conhecer mais histórias de maneira autônoma que o educando vai despertando e desenvolvendo o prazer em ouvir e ler.

Considerando a importância da Literatura Infantil, decidimos que em nossas regências realizaríamos primeiramente o momento da degustação literária através da prática de Contar Histórias com fantoches. Sendo assim,

Degustar significa, [...], avaliar o sabor pelo sentido do gosto. E para avaliar o sabor pelo sentido do gosto precisamos, antes, experimentá-la, prová-la,

conhecê-la. Não podemos gostar – nem desgostar – daquilo que não conhecemos. É preciso se aventurar no desconhecido para que deixe de sê-lo, para poder emitir opiniões, para poder tomar posições. (ZILBERMAN, 2005).

Nesta perspectiva, como criar o gosto em ouvir histórias nas escolas se em muitos casos essa atividade não é incentivada? Tendo em vista que quando a criança entra no ambiente escolar muitas delas não possui vínculos com a Literatura Infantil. Neste caso, o papel da escola torna-se então estimular e fazer com que o educando tenha prazer e desejo em ouvir e ler a literatura. Pois, só podemos gostar de algo quando conhecemos e percebemos seu sentido em nossas vidas.

De conformidade com as ideias de Zilberman (2005), entendemos que

As palavras têm sabor, sim; as histórias tecidas por elas podem ser doces, amargas, fortes, deliciosas... Podemos deliciar-nos com elas, podemos desiludir-nos, mas para isso precisamos nos aventurar e viajar através dessas palavras e experimentar o seu sabor. (ZILBERMAN, 2005, p. 58)

Foi isso que tentamos proporcionar as crianças do nível II, momentos em que elas pudessem degustar o sabor das histórias e se aventurar através delas. Para tanto, em nossas regências desenvolvemos uma rotina pedagógica de trabalho na sala de aula, neste sentido, construímos tanto uma organização das aulas através dos planos de aula propostos para cada aula. Desta forma, primeiramente realizávamos sempre o momento da Contação de histórias, o qual era iniciado com uma caixa decorada que intitulamos de “Caixa Mágica” (ver imagem 1). Criávamos então um clima de suspense para saber o que havia dentro da caixa, assim fazíamos algumas perguntas como: *O que será que tem dentro dessa caixa mágica pessoal? Será que é de comer? Será grande ou pequeno?* Dentre outras perguntas que iam surgindo. Após o levantamento das hipóteses das crianças abríamos a caixa falando as palavras mágicas: *ABRACADABRA PÉ DE CABRA!* Em seguida íamos tirando um por um os fantoches da história perguntando se as crianças os conheciam, e também o cenário móvel (ver imagem 2). É relevante destacar que durante o período das contação de histórias, procurávamos maneiras de fazer com que os alunos interajam com os personagens. Terminada a contação organizávamos um momento de conversa a respeito da história, assim estimulávamos as crianças a falar qual foi a parte que elas gostaram ou não na história e o que aconteceu na narrativa contada.

Esses momentos de contar histórias utilizando fantoches se constituíram como práticas significativas para nós estagiárias e principalmente para os educandos, uma vez que as

crianças tanto participaram através da oralidade como também demonstravam o desejo em vivenciar tal momento. Dessa forma, podemos compreender que,

[...] ao ouvirem histórias, as crianças são mobilizadas em vários aspectos, envolvendo seu corpo, suas ideias, sua linguagem, seus sentimentos, seus sentidos, sua memória, sua imaginação. Além disso, a imagem que associa a experiência de quem ouve histórias a um estado de contemplação, de fruição, de “viagem”, de evasão da realidade, revela apenas parcialmente o que é o contato com histórias e seus impactos na infância (BRANDÃO e ROSA, 2010, p. 39).

Podemos dizer que este momento de ouvir histórias foi uma experiência exitosa em nossas regências, uma vez que percebíamos o quanto os educandos se envolviam nas narrativas que contávamos. Percebíamos que eles se projetam para a realidade contada nas histórias, com isso, constatamos que o objetivo esperado nessa atividade foi alcançando de maneira proveitosa, pois através das histórias os alunos do nível II puderam vivenciar momentos de proveitosos de ouvir histórias.

Corroborando com as ideias de Amarilha (2009, p. 56), compreendemos que “proporcionar às nossas crianças o sucesso na relação com a linguagem literária deve ser uma meta pedagógica a ser alcançada”. Neste viés, a Literatura pode desenvolver na criança uma atitude positiva para com a aprendizagem, com a sala de aula, com a escola, pois o lúdico é estimulante, apaixonante, envolvente e mobilizador. Sabemos que o desafio de formar leitores na escola é uma tarefa a ser desenvolvida continuamente, mas através de nossas ações tentamos plantar uma sementinha que instigasse nos alunos o prazer em ouvir/ler textos literários.

Resultados obtidos

Vivenciar o cotidiano de uma turma de Educação Infantil, nos fez perceber ainda mais a relevância do professor planejar suas ações previamente, pois o planejamento é um eixo fundamental da prática pedagógica. Nesse sentido, através do planejar da nossa atuação como estagiárias, conseguimos desenvolver na turma do nível II práticas de contações de histórias com fantoches que consideramos como sendo exitosas. Deste modo, foi possível promover momentos prazerosos e significativos de interação com as crianças, as quais se sentiam a todo tempo, motivadas, interessadas e dispostas a ouvir nossas histórias, entrando assim no jogo simbólico.

Sabemos que a prática educativa no contexto escolar abarca uma série de conhecimentos, habilidades e competências essenciais para o exercício da docência. Diante disso, desenvolvemos em todas as nossas ações/reflexão da nossa prática. Este viés reflexivo nos possibilitou enxergar nossos pontos fortes, e outros que mereciam ser repensados. Assim, percebemos que nossa prática de contar história com fantoches era dotada de sentido para as crianças e capaz de cativar e prender o interesse delas. Segundo (Kaercher, 2001, p.87) “a literatura é uma arte. Arte que se utiliza da palavra como meio de expressão para, de algum modo, dar sentido á nossa existência”.

Assim, é importante salientar que a contação de histórias na Educação Infantil constitui-se como uma prática significativa no contexto da sala de aula, já que por meio desta prática a criança pode vivenciar momentos lúdicos de prazer, fruição, alegria, imaginação e descobertas. Como também, promove o desenvolvimento da oralidade e a ampliação do conhecimento de mundo. Sendo assim, “contar histórias para as crianças permite conquistas, no mínimo, nos planos psicológico, pedagógico, histórico, social, cultural e estético” (Sisto, 2005, p. 1).

Com isso, podemos afirmar o quão importante e envolvente é a prática de contar e ouvir histórias na Educação Infantil, que por meio desta podemos tornar as aulas mais prazerosas e significativas para as crianças. Desde modo, considerando o contexto da sala de aula encontrado e as necessidades educativas, sociais e emocionais das crianças, desenvolvemos práticas de contar de histórias com fantoches capazes de estimular a oralidade, a criatividade e o faz de conta. Esta prática proporcionou momentos de interação, nos quais as crianças falavam, demonstravam seus sentimentos, expressavam seu pensamento e participavam do jogo simbólico.

Como avaliamos esta experiência?

Adentrar no seio escolar e se posicionar como professoras de sala, mesmo que por alguns instantes, representou para nós, pedagogas em processo de formação, a vivência de experiências enriquecedoras em aprendizagens sobre a prática educativa do profissional pedagogo dentro escola. Aprendemos que o ambiente da sala de aula é um lugar dotado de heterogeneidade, uma vez que cada sujeito presente neste espaço possui formas diferentes de ser e estar no mundo, e tais formas são capazes de direcionar o trabalho que será desenvolvido com a turma. Ou seja, é necessário conhecer o perfil dos educandos para em seguida começar a planejar e desenvolver atividades que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem destes.

Avaliamos essa rica experiência como uma aventura de um viajante iniciante, uma vez que primeiramente é preciso realizar estudos, desenvolver um projeto de ações e planos que auxiliem o caminhar sobre solo sempre em movimento da sala de aula. Explorar nossas capacidades em lidar com os imprevistos que surgiam, os quais nos davam a mera sensação de desequilíbrio, nos fez pensar em soluções imediatas. Conhecemos durante esse percurso de aventura sabores e dissabores que foram capazes de nos ensinar algo significativo para nossa bagagem de experiências. Tudo foi válido, tudo foi imensamente valioso.

Portanto, através da nossa ação de contar histórias com fantoches compreendemos a importância desta prática para o contexto da sala de aula da Educação Infantil, uma vez que este momento se constitui, quando bem planejado, em uma forma de despertar na criança o interesse em ouvir histórias, a descoberta de aprendizagens, a interação com o meio, bem como a oportunidade de participar do jogo simbólico. Deste modo, concluímos que a contação de histórias com fantoches é uma atividade que contribui significativamente para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas? Literatura Infantil e prática pedagógica**. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. (Trad. Arlene Caetano) 11.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

BRANDÃO, Ana Carolina Perussi e ROSA, Ester Calland de Sousa (Orgs.) **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **E Por Falar em Literatura**. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (orgs.). **Educação Infantil: pra que te quero?** São Paulo: Artmed, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Comprender e transformar o ensino**. Os processos de ensino-aprendizagem: Análise das principais teorias da aprendizagem. 4. Ed. ArtMed, 1998.
SISTO, Celso. **A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil**. Disponível em: <http://www.artistasgauchos.com.br/celso/ensaios/artecontarhist.pdf> acesso em 20 de setembro de 2014.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11.ed. São Paulo: Global, 2003.

ANEXOS



Imagem 1- Caixa Mágica



Imagem 2 - PAINEL móvel



Imagem 3 - Fantoches usados na contação da história da Chapeuzinho Vermelho



Imagem 4 – Momento da Contação de História